

Primeira e Penúltima Carta Tecnológica para ti,

Hey Krupka! Por ser uma carta tecnológica vou começar isto verdadeiramente num ESTILO TECNOLÓGICO: como é bom ir ao TELEFONE e ver que daquele fim de semana no Porto só temos três fotografias. COMO SEMPRE, em 48 horas só mexemos no telefone 3 minutos? Lembro-me que na Comporta foi um minuto de telefone em 72 horas? Na ilha de Tavira foram 0 (ZERO) minutos de telefone em 24 horas? Devemos ir gritar isto aos algoritmos ou à sociedade de informação tecnológica? Enfim, os algoritmos já nos conhecem, por isso vamos hoje contar isto à Sociedade de Informação. Mas com que propósito? Certamente no mesmo espírito e propósito norueguês que proíbe o abate das árvores porque simplesmente esgotámos o nosso direito à madeira ou no espírito e propósito nova-deliliano que proíbe o engaiolamento das aves porque têm o direito de voar ou no espírito e propósito canadense que proíbe os golfinhos, baleias e orcas em aquários, piscinas e parques porque pertencem ao oceano e porque têm o direito de nadar quantas milhas queiram ou no espírito e propósito sueco que proíbe o voo de drones com câmaras PORQUE NÃO HÁ NEM PODE HAVER AQUI NENHUM DIREITO AO ESQUECIMENTO dos séculos de doutrina que se demoraram a montar o DIREITO À INTIMIDADE e o direito em se namorar ao relento sobre a luz das estrelas sem se ser sobrevoado por um objeto humano voador (não) identificado ou no espírito e propósito germânico que trata sofisticadamente os resíduos ou no espírito e propósito clean-air-neederlandês que defende que os fumómetros em estabelecimentos comerciais é atentatório do direito à saúde plasmado naquele acordo assinado pela Organização Mundial da Saúde ou naquele espírito e propósito new-story-venezuelano que imprime casas para os não-abrigados trazendo um novo direito ao acesso da impressão a 3D tendencialmente gratuito porque simplesmente os micromateriais e o microtempo denunciam por si só o acesso gratuito. E é tão bom saber e poder ligar tudo isto ao telefone!!! E aos cafés!!! E aos cigarros!!! E à TV!!! Ainda bem que estamos sempre longe dos telefones, dos cigarros e da TV - (dos cafés com os nossos amigos claro que não!)-, e fomos até à Invicta! Como é bom IR AO MAPA – esse sagrado mapa que prometeste naquele cofre – e ver o que assinalámos, o que escrevemos um ao outro, o que riscámos – riscámos a Ponte Luiz I; tínhamos claro que riscar, tínhamos claro que fazer aquele traço com tinta azul pela ponte, adivinhando e planeando-nos a pé na Invicta! – quando abrimos esse nosso mapa naquela bonita mesa, ao som de Portishead, que nos viu comer na Rua do Almada, antes de voltarmos à Invicta, essa Invicta daquele decreto de D. Maria II de Portugal. Nesse nosso mapa já com a Ildefonso - naquele seu barroco e rococó - e com os Congregados - naquela Almeida Garrett – e com o Terço - dessa tua Escola Médica - e com a Estação de São Bento - daquele reencarnado Convento de São Bento festejado por D. Carlos e D. Amélia - assinalados. Já tínhamos tudo isso, por sorte, visto e assinalado, e nem por isso, deixámos de assinalar e fazer o percurso por aquela Dom Afonso Henriques que se confunde naquela Vimara Peres que vai dar entrada ao tabuleiro de cima da Ponte Luiz I; tudo assinalado desde aquela mesa na Rua do Almada. Como é bom lembrar-me que depois de termos saído daquela mesa algures na Rua do Almada andámos sempre com o mapa guardado e não abrimos senão uma vez na Mouzinho da Silveira antes de subirmos aquela verde rochosa Dom Afonso Henriques. Não fomos parar ao Almada nem pelos Clérigos nem pela Ramalho Ortigão como bem queríamos, mas sim pela sorte daquela Magalhães Basto que os Aliados nos testemunharam a subida. E agora também a descida. Mas antes desse almoço naquela mesa algures no Almada, como é bom lembrar-me da parga de minutos com que nos deixámos fascinar pelas fachadas da antiga ourivesaria e da livraria, em frente a essa antiga ourivesaria da Rua de Santa Catarina, mesmo “juntinho” à Praça da Batalha no pico da 31 de Janeiro. E como é bom lembrar-me tão vivamente que foi nessa confusão de fachadas que vimos o primeiro eléctrico na Invicta! E sei que tenho tudo isto tão vivo como se tivesse sido há 5 minutos – e já

foram há 56 horas – porque simplesmente não fotografámos! Ou já nem digo por não termos fotografado, porque claro que não tem mal nenhum fotografar – gabo pois os que gostam de fotografar, nós é que não temos pachorra nenhuma para fotografar -, mas, pelo menos, por não termos andado permanentemente a fotografar. Mãos livres. Mentos livres. Corações livres. Almas livres. Mas depois desse almoço naquela mesa lá na rua do Almada, como é bom lembrar-me do nosso primeiro fascínio por aquelas dezenas de caves vistas hollywoodescamente lá do Pelourinho, desse porto hollywoodesco, nessa expressão hollywoodesca que não me importo que “emprestemos” ao sistema. A esse bonito, elegante e mágico sistema de caves. É puramente lindo de se ver! Que tão-só deve ser apreciado pela história! A história explica tudo. E explica tudo maravilhosamente bem! Explica o Porto, explica Portugal e explica-nos a nós! Não me saem da alma aquelas dezenas de rabalas ostentando as pipas de vinho navegáveis pelo Douro que prometemos lá ir navegar. Como é bom lembrar-me daquele laranjal que acompanha a Muralha Fernandina e que nos viu como andávamos lá no tabuleiro de cima da Ponte Luiz I até ao Jardim do Morro. Gostei mais do laranjal do que da Epopeia, mas fotografei a Epopeia e deixei o laranjal. Gostei mais do laranjal porque entre o laranjal e a Epopeia salvaria sempre o laranjal. Mas quem me dera ficar com esse laranjal e com essa Epopeia! À sorte de outra Epopeia, como é bom lembrar-me daquela descida da Calçada da Serra até à Marginal de Gaia e por ali nos deixámos deambular pelas Caves. Até a tecnologia já chegou às caves. Como eu me lembro daquela cave altamente tecnológica de realidade virtual e aumentada que nem pouco nos seduziu! Como eu me lembro da volta pela tabuleiro agora de baixo da Ponte Luiz I subidos depois pelas Escadas do Codeçal indo dando “na nossa magia” outra vez à Vimara Peres e depois à Dom Afonso Henriques, descendo depois pela Mouzinho da Silveira para apanharmos o 500 porque simplesmente o tínhamos visto a passar ali antes de irmos a Gaia. E porque nos disseram que era o 500 que ia até Matosinhos e que nos podia deixar na Foz. E que nos deixou na Foz, ali entre a praia dos Ingleses e da Luz. E que nos devolveu na volta outra vez aos Aliados. Esses buses que nem encarnados nem londrinos são, mas que são azuis e portuenses. Esses buses cheios de câmaras lá em cima que projectam na TV lá de baixo os beijinhos dos namorados. Como é bom lembrar-me como nos despedimos desse Porto com a promessa de reservar para ti aquela mesa com lareira na Passos Manuel e com a promessa de reservar para mim aquela mesa antiga, na rua acima da tua mesa, na Santo Ildefonso. É tão bom ter as memórias tão vivas daquele Porto Santo, daquela “Lourenço Marques” e daquela África do Sul que se confundem às vezes com esta Invicta! Mas sobretudo é tão bom ter as memórias tão vivas contigo da Ilha de Tavira, da Comporta, da Luisa Todi, do Meco, do Carvalhal, de Cascais, do Pego, de Coruche, de Monsanto, de Santarém, da Aroeira, da Ribeira do Cavalo, da Arrábida, de Tróia, da Costa de Caparica que também se confundem agora com este Porto! E que se confunde pela forma de se estar a absorver tudo. Pela forma como se está! Como é bom poder absorver-se tudo! Como é bom contigo absorver-se tudo! E como é bom ter absorvido e ter trazido para casa esse Porto! A neblina e o chuveiro-de-veze-em-quando não nos permitiu ver nessa Invicta o pôr-do-sol como tão habituados estamos. E ainda bem porque mais uma promessa assim deixámos - “Tens que lhes dar e prometer sonhos e esperanças e sobretudo tens que lhes dar e prometer amor!”. É sobretudo bom ter tão presente todos os pores-do-sol porque simplesmente não o fotografámos e sobretudo tão bom ter tão presente todas as vezes que pedimos desculpa por não classificar aqueles que nos pediam que os classificássemos, porque simplesmente não os classificámos. Sabemos que não os classificámos, sabemos a quem não atribuímos estrelas, porque simplesmente não os classificámos, porque simplesmente não atribuímos estrelas – aliás, detestamos “essa brincadeira das estrelinhas”... Será que no Porto também já se brinca às estrelinhas? Sei lá... - Sabemos pois que vimos porque simplesmente não fotografámos. Mas gabamos a ousadia dos que fotografam e classificam tudo e todos por tudo e por nada. Esses

novos superhumanos que nos rodeiam e nos vão rodeando, mas que nos toleram e, por isso, os toleramos... Esses novos superhumanos que vão gastar dinheiro naquela cave da quinta dimensão. Enquanto nós vamos gastando dinheiro naquela outra cave e naquela Rabala e naquela e naquela outra cave e naquela outra Rabala e naquela outra mesa. Como é bom podermos gastar dinheiro como queremos e onde queremos. Como é bom saber olhar empaticamente para nós e para os mercados. Publicamos tecnologicamente isto, não porque queremos ensinar os outros a viver, mas simplesmente porque torcemos calorosamente para que vivam! Fica assim tecnologicamente a minha ternura! Não te preocupes que esta é a tua primeira e penúltima carta tecnológica! E com o calor de Deus-Todo-o-Poderoso e com o calor também daquela Mão Invisível de Júpiter (ou Smithiana) deixo-te aqui propositadamente – porque tudo tem e tudo vê um propósito? -, as nossas únicas fotografias do fim-de-semana no Porto: os nossos pilares e o nosso quadro. Um bem haja! Volto a escrever(-nos) tecnologicamente em Key West! Até Cannes! 22 de janeiro de 2019 Raul Catulo Morais

Eu amo-te por tudo e por nada! Obrigado por me teres levado ao Porto como uma Cabra-Cega! Vendaste-me!!!!!!!!!!!! Só a Mariana Portugal é que sabia para onde me ias levar... Foi a viagem inteira com a mão dentro dos teus calções durante a viagem... Foi a melhor viagem de autocarro... O motorista não viu nada... Foi tão fixe ir a viagem toda com a mão na tua pila sempre tesuda! Obrigado pela viagem! Obrigado pelos olhos que me deste! Eu amo-te! Obrigado! Obrigado por tudo! Obrigado, do fundo do coração! Obrigado! Obrigado por todos os dias me teres feito sido Importante! Obrigado por todos os dias que disseste que me amavas e por todos os dias que disseste que íamos ficar sempre juntos! Obrigados pelos Planos de Vida! Obrigado! Obrigado sobretudo pela Força Espiritual! Obrigado por me teres mostrado em Silêncio a Verdade da Vida! Obrigado pelas vezes que olhaste para mim apaixonadamente em silêncio e me mostraste como também eram tecnológicos os teus olhos como eram os meus! Obrigado por me teres feito sempre sentido a pessoa mais feliz do mundo e por querer que todos os outros também sentissem a Força do Amor! No fundo, obrigado por me teres dado a Força do Amor para Enfrentar o Inferno que é a Terra! Contigo, a Terra não aparece o Inferno. De mãos dadas contigo, o Terra parece um Paraíso. Obrigado pela viagem ao Porto, até Jupiter e até Saturn. Obrigado pelas viagens. Obrigado por me teres emprestado os teus olhos. Love u

Raul Catulo Morais

Publicado in Illuminnatti Games in 30/09/2022